

Religiosidade e empoderamento feminino na poesia de Conceição Lima

Silvio Ruiz Paradiso (Doutor- UFRB)

Jessica Carla Gomes dos Santos (Graduada- UFRB)

Mirela Coutinho Sacramento (Graduada – UFRB)

RESUMO

Este trabalho tem como propósito a análise das poesias da escritora são-tomense Conceição Lima. Buscamos trazer as discussões a respeito de gênero e religiosidade que circundam sua obra e relacionar essas duas vertentes de estudo, de maneira a engendrar uma discussão a respeito da posição da mulher dentro da religiosidade tradicional africana, fazendo uma relação não somente com a imagem da feiticeira, mas também desses corpos idosos que fazem parte de São Tomé e Príncipe. Ademais, identificar-se-á como Lima traz a imagem desses corpos antes objetificados por um pensamento colonial e como esses corpos conseguem se subverterem, para então trazerem à tona a denúncia e valorização desses corpos (mulher/feiticeira/anciã) enquanto constituintes de seu meio e ocupantes de um lugar que necessita de visibilidade.

PALAVRAS CHAVE: Feitiçaria; Empoderamento; Conceição Lima.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

São Tomé e Príncipe são Ilhas íngremes localizadas no Golfo da Guiné, na África Equatorial. É um arquipélago constituído por duas ilhas principais, que perfazem o nome do Estado, sendo seu território constituído por cerca de 1001² km de extensão. Sua língua oficial é o português, tendo em vista que por todo território são falados outros dialetos frequentemente pela população, como o crioulo, angolano e principense. As Ilhas são uma antiga colônia portuguesa, onde descendentes de vários grupos étnicos migraram para essas ilhas ao longo do tempo. Antes do processo de descobrimento não há registros de ocupação humana nas ilhas, sendo então a população dessas ilhas implantada após o processo de descobrimento. Essas ilhas foram de suma importância para Portugal, pois, por ser sua colônia desde meados de 1470 tornou-se uma perna do tripé na rota comercial do Império Colonial Português, servindo como entreposto para os navios e gerência na produção de cana-de-açúcar e cacau, além de se encontrar em ótima posição em relação ao continente africano, fazendo com que fosse rota principalmente do comércio escravagista. Apenas após cerca de 500 anos o arquipélago foi descolonizado, obtendo sua independência no ano de 1975 através do Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe (MLSTP).

A imagem da mulher em São Tomé e Príncipe vem sofrendo mudança desde então, como consequência da Primeira e Segunda Guerra Mundial e da libertação de São Tomé e Príncipe das amarras coloniais, onde começou-se a levantar questionamentos acerca do lugar da mulher na sociedade são-tomense.

Paradoxalmente, o ativismo das mulheres em movimentos que culminaram com a emancipação do país, encontrava correspondência com situações na qual elas, em sua maioria, estavam circunscritas ao ambiente doméstico, independente de trabalharem em empresas agrícolas. Nesse cenário, começa-se a verificar mudanças significativas na situação da mulher em São Tomé e Príncipe. Sobretudo em termos de legislação. (SEQUEIRA, 2010, p. 32)

A sociedade de São Tomé e Príncipe, mesmo após a sua independência, mantém resquícios do pensamento colonial no que diz respeito às conjunturas relacionadas ao sexo feminino. Mesmo caminhando para um desenvolvimento socioeconômico e cultural, tardio em relação ao ocidente, permanece em um estado de “estagnação” quando se trata de determinadas classes sociais e principalmente quando se trata de mulheres, após a colonização portuguesa houve um “desconserto” sobre todas as tradições locais, o corpo idoso antes visto com respeito e como lar do sagrado e da memória, passam a ser objetificados pelos europeus e estereotipados.

As mulheres na sociedade santomense continuam, principalmente as mulheres incluídas em classes sociais menos favoráveis e mulheres negras, a serem subjugadas e outremizadas, passam a serem colocadas de lados por seus familiares e conhecidos ao atingirem certa idade e assim passam a ficar marginalizadas da sociedade, ganhando o estigma de serem feiticeiras apenas

por conta da idade e chegam até mesmo a sofrer agressões graves por conta disso.

VIDA E OBRA DE CONCEIÇÃO LIMA

A jornalista/poetisa Maria da Conceição de Deus Lima (1961), mais conhecida como Conceição Lima, natural de Santana ilha de São Tomé e Príncipe é considerada uma autora pós-colonial. A partir da licenciatura em estudos afro-portugueses e brasileiros, sua formação se construiu no King's College situado em Londres, sua especialização e mestrado se deu pela school of Oriental and African Studies no mesmo país de sua licenciatura, com os respectivos títulos “governos e políticas em África” e “Estudos Africanos” e trabalhou como jornalista e produtora da BBC, nos serviços de língua portuguesa. A autora que já era muito conhecida na Literatura em seu país de origem, teve seu nome perpetuado como uma promissora escritora africana do PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) com a publicação do seu primeiro livro em 2004, intitulado “*O Útero da Casa*”.

A publicação de “*O Útero da Casa*” foi apenas a primeira obra completa da são-tomense, pois anteriormente ela já escrevia poemas esporádicos que eram publicados em jornais, revistas e antologias, mas a partir deste feito a autora publicou em 2006 o livro “*A Dolorosa Raiz do Micondó*”, “*O País de Akendenguê*” (2011) e “*Quando Florirem Salambás no Tecto do Pico*” (2015). Na obra “*A Dolorosa Raiz do Micondó*”, a autora traz com maior ênfase o resgate e a busca pela ancestralidade, identidade e mitologia africana, pensando na história de seu país e continente.

Os poemas “*Sóya*” e “*A Lenda da Bruxa*”, utilizados nesse trabalho como embasamento literário, surgem a partir dessa busca de Lima pelas raízes culturais, tendo um caráter que não necessariamente seja explícito, mas demonstra a noção de pertencimento desses corpos (feiticeiras) à essa sociedade, a esse país, mas que para além demonstra a volta à ancestralidade e ao passado. Os dois poemas estão inseridos no livro “*A Dolorosa Raiz do Micondó*” e nos permitem retornar a essas raízes.

Por reunir a lição de seus antecessores maiores, inclusive na perícia técnica do recorte do verso, a poesia de Conceição Lima adquire a mesma importância humana, social e literária de seus paradigmáticos mestres e pares da África são tomense. (PONTES, 2014, p. 142)

Lima como afirma Pontes (2014), traz em sua poética o espelho e a influência de autores são-tomenses como Francisco Tenreiro, Maria Manuela Margarido e Alda Espírito Santo, buscando a resistência que os três autores citados possuem, tendo marcadamente a busca pelas suas raízes/ancestralidade, identidade e negritude.

CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA FEITICEIRA NA SOCIEDADE SÃO TOMENSE.

Os corpos ligados à feitiçaria em sociedades construídas como a de São Tomé e Príncipe estão envoltos em estigmas cruéis. Estigmas esses que são oriundos da colonização e se perpetuaram com o passar do tempo e ainda sobrevivem na sociedade contemporânea, esses corpos que eram antigamente subjugados e negligenciados sob o estereótipo de serem feiticeiros advém de suposições medievais a respeito da bruxaria, portanto, de um pensamento eurocêntrico que foi inserido em países africanos, mais especificamente em São Tomé e Príncipe pelo imperialismo e colonialismo.

O documentário “Fitxicêlu: crenças, estigma e ostracismo” (2017) criado por São de Deus Lima e Gerson Soares, nos leva a olhar para o lugar que muitos idosos ocupam na sociedade são-tomense. Uma vez acusados de feitiçaria esses sujeitos sofrem inúmeras violências, a começar pelo estado que não possui políticas de assistência para essa parte da população, até tentativa de assassinato por pessoas da própria família ou outros cidadãos, caso consigam se livrar da tentativa de homicídio esses indivíduos continuam a sofrer a exclusão social que esse estereótipo traz consigo, por vezes se refugiando em casas de reclusão de idosos, conhecidas como asilos.

Esses sujeitos, mostrados a partir do documentário citado acima mostra como a questão de gênero é fortemente presente, os indivíduos mostrados em maioria acusados de feitiçaria são mulheres. O termo/conceito de feitiçaria advém de tempos medievais, e era utilizado para definir as mulheres que se utilizavam do curandeirismo, uma vez que ainda eram escassos os médicos ou não havia, fazendo com que essas mulheres ocupassem esses lugares, mas a partir do momento que as universidades começaram a formar esses profissionais, esses corpos (feiticeira) começaram a ser demonizadas pois detinham o conhecimento e poder de seus ancestrais e da natureza.

(...) estão fadados ao abandono pela família e à violência de diversos tipos, dentre eles, a negação de uma vida digna, em companhia de familiares, a usurpação de seus bens, mínimos que sejam, e do lugar social que tradicionalmente lhes era atribuídos pelo saber ancestral e a transmissão de experiências que pudesse guiar novos homens e mulheres. (SILVA, 2018, p. 56)

O pensamento imperial e colonial cooperou para que esse imaginário fosse construído. Anteriormente a esse período as mulheres ocupavam um lugar de poder dentro do tradicionalismo. A partir do momento que o colonialismo foi inserido as ideologias de superioridade branca, cristã e patriarcal influenciaram diretamente na estereotipação das mulheres nativas, quanto mais distante dos ideais europeus essas mulheres se encontravam mais primitivas eram consideradas, portanto aos olhos eurocêntricos necessitavam de uma maior orientação para aproximação do ideal ocidental do feminino.

Bonnici (2007) afirma que “A dupla colonização é a subjugação da mulher nas colônias, objeto de poder imperial em geral e da dupla opressão patriarcal

colonial e doméstica.” (p. 67); e isso expõe o quão violento se torna esse processo para essas mulheres que sofrem a opressão oriunda do patriarcalismo enquanto estrutura social e a violência dentro dos seus próprios lares, sendo violentadas constantemente, sofrendo tentativas de assassinato por suas famílias e sendo abandonadas e até mesmo negligenciadas perante seus direitos básicos por serem consideradas feiticeira, como também levando a culpa de toda desgraça que acontece no seio familiar por terem esse status de feiticeira.

A FEITICEIRA NA POESIA DE CONCEIÇÃO LIMA

Os poemas “*A Lenda da Bruxa*” e “*Sóya*” de Lima inseridos no livro “*A Dolorosa Raiz do Micondó*” (2006) demonstram como essas mulheres (feiticeiras/bruxas/anciãs) fazem parte da cultura são-tomense e ao mesmo tempo como foram objetificadas a partir do processo histórico sofrido por esse país.

O poema “*A Lenda da Bruxa*” narra a história da personagem San Malanzo e como essa mulher sofre por sua condição social:

A condição de São Malanzo é a condição do segmento de velhos e velhas em situação de desamparo, inseridos em um processo de exclusão que se inicia no seio familiar e se fortalece na sociedade, sob a negligência do Estado São Tomé. (SILVA, 2018, p. 57).

Lima retrata em seu poema a formação da imagem desse corpo idoso e como essa falta de assistência repercute na vida da personagem.

San Malanzo era velha, muito velha.
San Malanzo era pobre, muito pobre.
Não tinha filhos, não tinha netos
Não tinha sobrinhos, não tinha afilhados
Nem primos tinha e nem enteados
Ela era muito pobre e muito velha
Muito velha e muito pobre era.
Era velha, era pobre san Malanzo
Pobre e muito velha
Velha e muito pobre
Era velha e pobre
Era pobre e velha
Velha pobre
Pobre velha
Velha Pobre
Feiticeira. (LIMA, 2006, p. 44)

O poema acima expõe a denúncia a respeito da posição que essas idosas ocupam na sociedade de São Tomé e Príncipe, essas velhas são estereotipadas e sua dignidade retirada como mostra Conceição Lima, Silva (2018) “os velhos são estigmatizados e abandonados pela falta de compreensão diante de sua fragilidade física e mental, suas limitações e comportamentos psíquicos no

decorrer da idade”. (SILVA, 2018, p. 58). Ao decorrer do poema observamos que a construção da imagem da feiticeira nessa sociedade se dá a partir da perspectiva da “velha, pobre e só”, e isso que a torna feiticeira. Lima traz a palavra “feiticeira” como forma de subjetificação desse corpo, que apesar de sofrer todo esse estereótipo é importante para manter a ancestralidade.

O poema a seguir, “Sóya”, retirado do livro “*A Dolorosa Raiz do Micondó*” (2006), traz a busca pelo retorno as raízes da oralidade, mostrando o culto a ancestralidade e a memória. Retorna valores anteriormente deturpados pelo período colonial, mostrando o lugar dessa bruxa citada por Lima, importante figura nesse processo de resgate da memória ancestral.

Há-de nascer de novo o micondó –
belo, imperfeito, no centro do quintal.
À meia-noite, quando as bruxas
povoarem okás milenários
e o kukuku piar pela última vez
na junção dos caminhos.

Sobre as cinzas, contra o vento
bailarão ao amanhecer
ervas e fetos e uma flor de sangue.

Rebentos de milho não-de-nutrir
as gengivas dos velhos
e não mais sonharão as crianças
com gatos pretos e águas turvas
porque a força do marapião
terá voltado para confrontar o mal.

Lianas abraçarão na curva do rio
a insônia dos mortos
quando a primeira mulher
lavar as tranças no leito ressuscitado.

Reabitaremos a casa, nossa intacta morada. (LIMA, 2006, p. 67- 68)

Além de buscar o retorno a oralidade e o culto ancestral, Lima traz em seu poema a “reafirmação e preservação da memória ancestral e alinham-se a possíveis formas de (re)escrever o país.” (SILVA, 2018, p. 64), onde mostra a relação entre as memórias individuais e a construção dessa sociedade são-tomense.

O trecho “Há de nascer À meia-noite, quando bruxas povoarem okás” ...apresenta que o renascimento cultural, “Quando a primeira mulher lavar as tranças no leito ressuscitado” revela a força das “feiticeiras” enquanto mulheres empoderadas no processo de preservação da cultura ancestral.

Conceição Lima traz em sua obra a desmistificação que o pensamento imperialista criou, mostrando esses corpos como pertencentes a essa nação e sua cultura, subjetificando essas vozes antes silenciadas e violentadas e então sendo capazes de possuírem agência em relação aos seus corpos.

CONCLUSÃO

Em virtude dos fatos mencionados, fomos capazes de analisar quão nocivo foi o colonialismo para a imagem dos corpos idosos femininos, principalmente quando inseridos em uma classe social desprivilegiada. Os corpos que antes da colonização eram vistos como corpos capazes de construir o ideal de nação, começaram a ser subjugados e colocados como corpos perigosos para sociedade, corpos que devem ser combatidos.

Lima, em seus dois poemas apresentados ao longo do trabalho, traz a ideia de que esses corpos femininos devem assumir os lugares que tradicionalmente ocupavam e assim deixem de ser estereotipados. Tanto em “*A Lenda da Bruxa*”, quanto em “*Sóya*”, vemos a agência presente nos versos de Lima relacionando a reconstrução da figura feminina em relação a sociedade são-tomense com a reconstrução da noção de tradicionalismo que se perdeu ao longo dos anos, durante o processo colonial.

Por fim, a obra de Lima resgata a imagem da feiticeira africana enquanto um modelo subversivo de reconstrução identitária da mulher são tomense, outrora, marginalizada por este próprio signo, demonizado pelos colonizadores na imagem da bruxa europeia.

REFERÊNCIA:

BONNICI, T. **Teoria e Crítica Literária Feminista: conceitos e tendências**. Maringá: Eduem, 2007.

LIMA, C. **A Dolorosa Raiz do Micondó**. Lisboa: Editorial Caminho, 2006.

PONTES, R. **Conceição Lima e a poesia na pós-independência em São Tomé**. Vitória: Contexto, 2014.

SEQUEIRA, V. C. A. **A situação das mulheres na sociedade santomense, discriminações de gênero e a participação feminina das esferas produtivas**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

SILVA, A. M. S. **Cantos Poéticos no Oká: aspectos culturais do passado e do presente em São Tomé e Príncipe**. Belo Horizonte: Cadernos CESPUC, Contexto: 2018.

SILVA, C. V. S. **Magia e Feitiçaria na Colônia: a originalidade das práticas sincréticas**. Revista Historiador, Número 04. Dez. de 2011 Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador>>, acesso em julho de 2019.

SOARES. **FITXICÉLU - crenças, estigmas e ostracismo**. 2017. (48m06s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZyB-uKVUad0>>. Acesso em, 22 de julho de 2019.